FICHA TÉCNICA

Título original: *Once Upon a Broken Heart*
Autora: *Stephanie Garber*
Copyright © 2021 by Stephanie Garber
Todos os direitos reservados.
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2023
Tradução: *Maria do Carmo Figueira*
Revisão: *Ana Rita D. Silva/Editorial Presença*
Design de capa: *Donna Sinisgalli Noetzel*
Imagens da capa: *Shutterstock*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2023
Depósito legal n.º 508 015/22

Reservados todos os direitos
para Portugal à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

1

A Gazeta dos Boatos

ONDE É QUE TODOS OS QUE TÊM
O CORAÇÃO PARTIDO IRÃO REZAR AGORA?

Por Kutlass Knightlinger

A porta para a igreja do Príncipe de Copas desapareceu. Pintada com o tom escuro vermelho-sangue dos corações partidos, a icónica entrada desapareceu pura e simplesmente de uma das igrejas mais visitadas do Distrito do Templo durante a noite, deixando para trás uma parede de mármore impenetrável. Agora é impossível a qualquer pessoa entrar na igreja...

Evangeline meteu no bolso da sua saia florida o jornal datado de há duas semanas. A porta no fim daquele beco decrépito era pouco mais alta do que ela, e estava escondida atrás de uma grade de metal enferrujado em vez de estar coberta por uma bela tinta vermelho-sangue, mas ela teria apostado a loja de antiguidades do pai em como aquela era a porta desaparecida.

Não havia nada no Distrito do Templo que fosse tão pouco atraente. Todas as portas tinham painéis esculpidos, arquitraves decorativas, avançados de vidro e buracos de fechadura dourados. O seu pai tinha sido um homem de fé, mas costumava

dizer que ali as igrejas eram como vampiros — não se destinavam ao culto; tinham sido concebidas para seduzir e aprisionar. Mas aquela porta era diferente. Era apenas um bloco de madeira em bruto, sem maçaneta e com a pintura branca lascada.

Aquela porta não queria ser encontrada.

No entanto, não podia esconder de Evangeline o que realmente era.

A sua forma recortada era inconfundível. De um lado era uma curva descendente, do outro uma barra serrilhada, formando uma metade de um coração partido — um símbolo do Fatídico Príncipe de Copas.

Finalmente.

Se a esperança fosse um par de asas, as da Evangeline estariam estendidas atrás dela, ansiosas por voltarem a levantar voo. Depois de duas semanas de buscas na cidade de Valenda, tinha-a encontrado.

Quando a página de bisbilhotices que tinha no bolso anunciara pela primeira vez que a porta da igreja do Príncipe de Copas tinha desaparecido, poucos imaginavam que ela era mágica. Era o primeiro artigo da folha de escândalos, e as pessoas disseram que não passava de um chamariz para vender assinaturas. As portas não desapareciam assim sem mais nem menos.

Mas Evangeline acreditava que sim. A história não lhe tinha parecido um embuste, mas antes um sinal, dizendo-lhe onde devia procurar se queria salvar o seu coração e o rapaz a quem ele pertencia.

Ela podia não ter visto muitas provas de magia sem ser nos objetos estranhos que o pai tinha na sua loja de antiguidades, mas tinha fé na sua existência. O seu pai, Maximilian, tinha sempre falado da magia como se ela fosse real. E a sua mãe tinha vindo do Magnífico Norte, onde não havia diferença entre os contos de fadas e a história. Ela costumava dizer: «Todas as histórias são feitas tanto de verdades como de mentiras. O que importa é a forma como acreditamos nelas.»

E Evangeline tinha um dom quando se tratava de acreditar em coisas que outros consideravam mitos, como os Arcanos imortais.

Abriu a grade de metal. A porta não tinha uma maçaneta, obrigando-a a introduzir à força os dedos no minúsculo espaço entre o seu rebordo dentado e a parede de pedra suja.

A porta trilhou-lhe os dedos, fazendo escapar uma gota de sangue, e ela jurou tê-la ouvido dizer com uma voz fragmentada: *Tens noção de onde estás prestes a meter-te? Daqui só pode resultar um coração partido.*

Mas o coração de Evangeline já estava partido. E ela sabia os riscos que estava a correr. Estava ciente dos riscos de visitar as igrejas Místicas:

Promete sempre menos do que aquilo que podes dar, pois os Arcanos tiram sempre mais.

Não regateies com mais do que um Arcano.

E, acima de tudo, nunca te apaixones por um Arcano.

Existiam dezasseis Arcanos imortais, que eram seres ciumentos e possessivos. Antes de terem desaparecido alguns séculos antes, dizia-se que governavam parte do mundo com magia que tinha tanto de malévola como de maravilhosa. Nunca quebravam um acordo, embora magoassem com frequência as pessoas que ajudavam. Todavia, muitas pessoas, mesmo que acreditassem que os Arcanos não passavam de mitos, a dada altura ficavam tão desesperadas que acabavam por lhes dirigir as suas preces.

Evangeline tinha sempre sentido curiosidade em relação às suas igrejas, mas sempre soubera o suficiente acerca da natureza volúvel dos Arcanos e dos acordos Místicos para evitar procurar os seus locais de culto. Isto até há duas semanas, quando ela própria se tornara uma dessas pessoas desesperadas sobre as quais as histórias sempre tinham emitido avisos.

— Por favor — murmurou em direção à porta em forma de coração, com a voz repleta da esperança irrefletida e magoada que a tinha conduzido até ali. — Sei que és uma coisinha esperta. Mas permitiste que te encontrasse. Deixa-me entrar.

Deu um último empurrão à madeira.

Desta vez, a porta abriu-se.

Ao dar o primeiro passo, as batidas do coração de Evangeline aceleraram. Durante a sua busca pela porta desaparecida, tinha

lido que a igreja do Príncipe de Copas tinha um aroma diferente para cada pessoa que a visitava. Supostamente cheirava ao maior desgosto de amor de uma pessoa.

Mas, quando Evangeline entrou na gélida catedral, o ar não a fez recordar de Luc — não havia vestígios de camurça ou vetiver. A abertura mal iluminada da igreja era ligeiramente adocicada e metálica: maçãs e sangue.

Ficou com os braços arrepiados. Aquele cheiro não era reminiscente do rapaz que ela amava. Os relatos que tinha lido deviam estar errados. Mas não voltou para trás. Ela sabia que os Arcanos não eram santos nem salvadores, embora tivesse esperança de que o Príncipe de Copas fosse mais sensível do que os outros.

Os seus passos levaram-na mais para o interior da catedral. Tudo era surpreendentemente branco. Tapetes brancos, velas brancas, assentos brancos de carvalho branco, faia branca e bétula branca escamada.

Evangeline foi passando pelas fileiras de bancos brancos desencontrados. Deviam ter sido belos outrora, mas agora faltavam pernas a muitos deles, enquanto outros tinham as almofadas mutiladas ou tinham sido partidos ao meio.

Partidos.

Partidos.

Partidos.

Não era de admirar que a porta não quisesse deixá-la entrar. Talvez esta igreja não fosse sinistra, mas apenas triste...

O som áspero de algo a rasgar-se rompeu o silêncio da igreja.

Evangeline virou-se para trás e abafou um arquejo.

Algumas filas de bancos atrás dela, num canto sombrio, um jovem parecia estar em sofrimento ou a fazer alguma penitência. Tinha a cabeça baixa, e as madeixas desgrenhadas de cabelo dourado pendiam-lhe sobre o rosto enquanto rasgava com os dedos as mangas do seu sobretudo cor de vinho.

O seu coração sentiu uma pontada de dor ao vê-lo. Estava tentada a perguntar-lhe se precisava de ajuda, mas era provável que ele tivesse escolhido o canto para passar despercebido.

E ela já não tinha muito tempo.

Não havia relógios dentro da igreja, mas Evangeline era capaz de jurar que tinha ouvido o som do ponteiro dos segundos a trabalhar para eliminar os preciosos minutos que tinha até ao casamento de Luc.

Apressou-se a percorrer a nave em direção à abside, onde as fileiras fragmentadas de bancos terminavam e um estrado de mármore reluzente se erguia diante dela. A plataforma estava imaculada, iluminada por uma parede de velas de cera de abelha e rodeada por quatro colunas estriadas que guardavam a grandiosa estátua do Fatídico Príncipe de Copas.

Sentiu um arrepio na nuca.

Evangeline sabia qual era o aspeto que ele devia ter. Nos últimos tempos, os Baralhos do Destino, que usavam imagens de Arcanos para ler a sina, tinham-se tornado um artigo popular na loja de antiguidades do seu pai. A carta do Príncipe de Copas representava o amor não correspondido e retratava sempre o Arcano como uma beldade trágica, de olhos azul-claros, vertendo lágrimas da cor do sangue que manchavam para sempre os cantos da sua boca tristonha.

Não havia lágrimas de sangue naquela estátua resplandecente. Mas o seu rosto tinha um tipo de beleza cruel, como Evangeline poderia ter esperado de um semideus que tivesse a capacidade de matar com o seu beijo. Os lábios de mármore do príncipe estavam retorcidos num sorriso malicioso perfeito que devia ter parecido frio, duro e afiado, mas que tinha um toque de suavidade no seu lábio inferior ligeiramente mais carnudo — estava saliente como que a sugerir um convite mortífero.

De acordo com os mitos, o Príncipe de Copas não era capaz de amar porque o seu coração tinha parado de bater há muito tempo. Apenas uma pessoa poderia fazer com que voltasse a funcionar: o seu único e verdadeiro amor. Dizia-se que o beijo dele era fatal para todos menos para ela — o seu único ponto fraco — e, enquanto a procurara, tinha deixado um rasto de cadáveres.

Evangeline não podia imaginar uma existência mais trágica. Se havia um Arcano que podia compreender a sua situação, seria o Príncipe de Copas.

O seu olhar descobriu os elegantes dedos de mármore que seguravam uma adaga do tamanho do antebraço dela. A lâmina apontava para baixo em direção a uma bacia de pedra para oferendas equilibrada num queimador, por cima de um círculo baixo de chamas brancas dançantes. As palavras *Sangue por uma Oração* estavam esculpidas na parte lateral da bacia.

Evangeline respirou fundo.

Era para isto que tinha ido ali.

Pressionou o dedo contra a ponta da lâmina. O mármore afiado perfurou-lhe a pele, e começaram a cair gotas de sangue, crepitando e sibilando, enchendo o ar com um aroma ainda mais metálico e adocicado.

Uma parte dela esperava que aquele dízimo pudesse conjurar um qualquer número de magia. Que a estátua ganhasse vida, ou que a voz do Príncipe de Copas enchesse a igreja. Mas tudo permaneceu imóvel, à exceção das chamas na parede das velas. Não conseguia sequer ouvir o jovem angustiado ao fundo da igreja. Era apenas ela e a estátua.

— Querido Príncipe — começou a dizer, de forma hesitante. Nunca tinha rezado a um Arcano, e não queria errar. — Estou aqui porque os meus pais morreram.

Evangeline retraiu-se. Não era assim que devia ter começado.

— O que eu queria dizer é que os meus pais faleceram. Perdi a minha mãe há alguns anos. Depois perdi o meu pai na estação passada. Agora estou prestes a perder o rapaz que amo. Luc Navarro... — A sua garganta fechou-se quando pronunciou o nome dele e imaginou o seu sorriso retorcido. Talvez se ele tivesse sido mais desengraçado, ou mais pobre, ou mais cruel, nada daquilo tivesse acontecido. — Temos andado a encontrar-nos em segredo. Eu devia estar de luto pelo meu pai. Depois, há pouco mais de duas semanas, no dia em que o Luc e eu íamos contar às nossas famílias que estávamos apaixonados, a minha meia-irmã, Marisol, anunciou que ela e o Luc iam casar-se.

Evangeline fez uma pausa para fechar os olhos. Esta parte ainda lhe provocava tonturas. Os noivados rápidos não eram invulgares. Marisol era bonita e, embora fosse reservada, era também gentil,

muito mais gentil do que a madrasta de Evangeline, Agnes. Mas Evangeline nunca tinha sequer visto Luc na mesma sala que Marisol.

— Eu sei o que isto parece, mas o Luc ama-me. Acho que ele foi amaldiçoado. Não fala comigo desde que o noivado foi anunciado, nem tão-pouco quer ver-me. Não sei como ela o fez, mas tenho a certeza de que tudo isto é obra da minha madrasta. — Na verdade, Evangeline não tinha nenhuma prova de que Agnes fosse uma bruxa nem de que tivesse lançado uma maldição sobre Luc. Mas tinha a certeza de que a sua madrasta tinha tomado conhecimento da relação de Evangeline com Luc, e ela queria Luc, e o título que ele um dia herdaria, para a sua própria filha.

— A Agnes tem-se mostrado rancorosa comigo desde que o meu pai morreu. Tentei falar com a Marisol sobre o Luc. Ao contrário da minha madrasta, não creio que a Marisol alguma vez me magoasse intencionalmente. Mas sempre que tento abrir a boca, as palavras não saem, como se também estivessem amaldiçoadas ou como se eu estivesse amaldiçoada. Por isso, estou aqui, a implorar pela tua ajuda. O casamento é hoje, e preciso que o impeças.

Evangeline abriu os olhos.

A estátua sem vida não se tinha mexido. Ela sabia que, em geral, as estátuas não se mexiam. No entanto, não conseguia deixar de pensar que ela devia ter feito *alguma coisa* — mudado de posição ou falado ou movido os seus olhos de mármore.

— Por favor, eu sei que compreendes um desgosto de amor. Impede o Luc de casar com a Marisol. Salva o meu coração de ficar mais uma vez despedaçado.

— Mas que discurso tão patético. — Duas palmas lentas seguiram-se à voz indolente, que soou a apenas alguns metros de distância.

Evangeline voltou-se para trás, e todo o sangue lhe fugiu do rosto. Não esperava vê-lo, o jovem que tinha estado a rasgar as suas próprias roupas ao fundo da igreja, embora fosse difícil acreditar que se tratava da mesma pessoa. Pensara que aquele rapaz estava em agonia, mas ele devia ter arrancado a sua dor

juntamente com as mangas do casaco, que agora pendia em farrapos sobre uma camisa preta e branca às riscas, que estava apenas meio enfiada nas calças.

Ele sentou-se nos degraus da plataforma, encostando-se indolentemente a uma das colunas com as suas pernas longas e esguias estendidas à sua frente. Tinha o cabelo dourado e em desalinho, os olhos azuis demasiado brilhantes e raiados de sangue, e um canto da boca estava retorcido como se não tivesse gostado muito, mas mesmo assim tivesse encontrado algum prazer na breve dor que tinha acabado de infligir a Evangeline. Ele parecia aborrecido e rico e cruel.

— Queres que me levante e dê uma voltinha para que possas avaliar-me melhor? — perguntou num tom zombeteiro.

A cor voltou imediatamente às faces de Evangeline.

— Estamos numa igreja.

— O que é que isso interessa? — Num movimento elegante, o jovem meteu a mão num bolso do seu sobretudo cor de vinho rasgado, retirou de lá uma maçã de um branco puro e deu-lhe uma dentada. Sumo vermelho-escuro escorreu da fruta para os seus dedos longos e pálidos acabando por cair nos degraus de mármore imaculados.

— Não faças isso! — Evangeline não tivera intenção de gritar. Embora não fosse tímida com estranhos, geralmente evitava confrontos com eles, mas parecia não conseguir evitar fazê-lo com este jovem rude. — Estás a ser desrespeitoso.

— E tu estás a rezar a um imortal que mata todas as raparigas que beija. Achas mesmo que ele merece alguma reverência? — O jovem infame cadenciou as suas palavras com outra dentada na sua maçã.

Ela tentou ignorá-lo. Tentou mesmo. Mas era como se uma magia terrível se tivesse apoderado dela. Em vez de se afastar, Evangeline imaginou o estranho a tomar os seus lábios em vez da maçã e a beijá-la com a sua boca adocicada pela fruta até ela morrer nos seus braços.

Não. Não podia ser...

— Estás outra vez a olhar fixamente para mim — disse ele, como que a ronronar.

Evangeline afastou imediatamente o olhar, voltando-se para a escultura de mármore. Poucos minutos antes, bastaram os lábios dela para fazer acelerar o seu coração, mas agora parecia uma estátua normal, sem vida, em comparação com aquele jovem perverso.

— Pessoalmente, acho que sou muito mais bonito. — De repente, o jovem pôs-se de pé ao lado dela.

Evangeline começou a sentir borboletas a vibrar dentro do estômago. Assustadas. As suas asinhas frenéticas e batidas velozes estavam a avisá-la para que saísse dali, para que corresse, para que escapasse. Mas Evangeline não conseguia desviar o olhar.

Àquela distância tão curta, ele era inegavelmente atraente e mais alto do que ela imaginara. Ele dirigiu-lhe um sorriso verdadeiro, revelando um par de covinhas que, por momentos, o fizeram parecer mais como um anjo do que um demónio. Mas ela pensou que mesmo os anjos deviam ter cuidado com ele. Conseguia imaginá-lo a enganar um anjo até este perder as asas para que ele pudesse brincar com as penas.

— És tu — murmurou. — Tu és o Príncipe de Copas.